

## O LUGAR DA LINGUAGEM SEGUNDO VYGOTSKY

Sônia Borges Vieira da Mota \*

*O papel central da linguagem na vida humana é amplamente reconhecido. Entretanto, definir a natureza desse papel tem sido um desafio. O propósito desse artigo é discutir as relações entre pensamento e linguagem, ou seja, as funções da linguagem na comunicação e na formação da consciência. A compreensão dessa questão tem ampla repercussão sobre o papel do educador com relação ao desenvolvimento mental.*

A importância psicológica da linguagem é a questão central dos estudos de Vygotsky, que se empenhou em aplicar os princípios do materialismo dialético a questões psicológicas concretas. Seu pressuposto básico é o de que o desenvolvimento do comportamento humano é parte do desenvolvimento histórico de nossa espécie.

Eminente psicólogo russo, Lev Semyonovich Vygotsky (1896-1934) é relativamente pouco conhecido no Brasil. Só há bem pouco tempo seu nome começou a aparecer nas bibliografias indicadas nos cursos de psicologia tanto de graduação como de pós-graduação.

Certamente razões políticas e ideológicas concorreram para isso, já que o mesmo se deu com autores da mesma linha, como Alexandre R. Luria, G. Politzer, A. A. Leontiev, Henri Wallon e outros. Entretanto, suas idéias muito podem enriquecer e completar nossa compreensão dos processos psicológicos, elaboradas a partir das teorias de Sigmund Freud, Jean Piaget, Skinner e outros, idéias que têm sido bem trabalhadas entre nós.

\* Professora Adjunta do Departamento de Pedagogia da FE/UFG.

Os autores da psicologia dialética, especialmente os russos, são importantes para nós, inclusive porque suas concepções foram desenvolvidas numa sociedade que valorizava extremamente a ciência, mas dela esperava soluções para seus problemas econômicos e sociais. Uma sociedade em que a elaboração de teorias não deveria se dar independentemente das demandas práticas do Governo, preocupado, por exemplo, com os grandes problemas educacionais.

No caso específico de Vygotsky, ele mesmo não admitiu desenvolver seu trabalho teórico sem, concomitantemente, refletir sobre suas aplicações práticas, seja pela elaboração de programas que viessem maximizar as potencialidades das crianças, seja contribuindo para eliminar o analfabetismo. Assim, questões que hoje são discutidas por nós – e nossos problemas educacionais não são menores que os enfrentados décadas atrás pela U.R.S.S. – já o eram por Vygotsky nos anos 30. Por exemplo, a questão da idade "ótima" para a alfabetização, a tendência a reduzi-la ao desenvolvimento de habilidades psicomotoras, o papel da escola na instrução e desenvolvimento mental das crianças, etc. São temas polêmicos para os quais deu contribuições muito importantes.

Entre as questões psicológicas que Vygotsky investigou, a das relações entre pensamento e linguagem, ou seja, do papel da linguagem na comunicação e na formação da consciência, é uma das que tem maior repercussão, não só sobre a compreensão dos processos psíquicos superiores, como sobre o papel do educador com relação ao desenvolvimento mental. A linguagem desempenha papel importante na transformação dos seres humanos, inclusive porque exerce influência sobre a estruturação da cognição.

Ninguém nega o papel central da linguagem na vida humana, mas definir a natureza desse papel tem vida difícil. Com relação às teorias de Vygotsky, é importante salientar que suas idéias sobre a questão polêmica das relações entre pensamento e linguagem são coerentes com suas concepções sobre a natureza da ciência psicológica e com seu método. Para ele, o objeto da psicologia não é o mundo interno em si mesmo, mas sim o reflexo do mundo externo no mundo interno. Em outras palavras, é a interação do homem com a sociedade.

A psicologia idealista tradicional não considera o fato de que, quando o homem transforma a natureza, nesse processo cria a cultura e transforma sua própria natureza. Ignora que com ele apareceu uma nova forma de adaptar-se: a de criar novas condições ambientais, transformando o meio natural e social. São concepções presas à idéia de "homem natural" de Rousseau, Locke e outros, que postulam a existên-

cia de um estado ou essência originária do ser humano que faria dele, em qualquer tempo e lugar, o mesmo.

Hoje, como as investigações antropológicas já o demonstraram, sabemos que os indivíduos das culturas ditas primitivas também não são "seres naturais" e que sua personalidade está correlacionada com a estrutura mais geral de sua organização social, que por sinal é bastante complexa.

Esta idéia de homem natural, pode-se perceber, é parte de uma ideologia: integra uma concepção maior que vê o mundo como fixo, imutável e postula um direito natural, uma justiça natural, etc.

A suposição de que a cultura é um verniz sob o qual se pode encontrar uma natureza originária é muito arraizada, inclusive no senso-comum. É importante observar que essa idéia de homem natural é solidária de uma outra, a de homem abstrato, que pode ser concebido de forma isolada, separado de seu contexto social. O que significa que teria, em qualquer tempo ou lugar, características fixas, imutáveis, e que seriam também imutáveis as concepções que sobre ele são elaboradas. A idéia de homem abstrato conduz tanto à de homem natural quanto à de homem isolado, porque descartam as variantes sociais e culturais como agregados não substanciais do ser humano que se superpõem e inclusive subvertem sua natureza.

Assim, o mito do homem natural, do homem isolado, as falsas controvérsias indivíduo/sociedade, inato/adquirido, polêmicas sobre as quais a psicologia tradicional se concentra, parecem derivar do seu formalismo, da falta de compreensão do processo dialético como definidor da psicologia humana.

Em contraposição a esses dualismos metafísicos tão impregnados no nosso conhecimento científico, a visão dialética dos processos psicológicos, subjacente em toda a obra de Vygotsky, levou-o a considerar em primeiro plano a unidade e a interdependência de todos os fenômenos, e conceber todas as sínteses como faces de um mesmo processo.

Dessa maneira considera sem sentido discussões que isolam o ser humano ou tratam suas manifestações de maneira abstrata como se não tivessem conexão com a natureza e seu meio social. O homem se caracteriza por ser parte da natureza e por pertencer a uma sociedade concreta, a determinada cultura, a uma classe social, a um grupo étnico, etc., cujas características são transitórias e não essenciais ao ser humano, mas que modificam profunda e substancialmente sua natureza.

Vygotsky orientou seus estudos e sua metodologia de pesquisa por esses princípios, que informam suas idéias sobre cada aspecto do

comportamento humano investigado. Viu nesses pressupostos do materialismo dialético a solução para paradoxos científicos fundamentais com que a Psicologia se defronta. A teoria de que as mudanças históricas e a vida material produzem mudanças na "natureza", na consciência e no comportamento humanos influenciaram sua pesquisa, tornando-o o primeiro a buscar princípios metodológicos que pudessem construir uma teoria materialista da psicologia.

O ponto central de sua metodologia é, pois, que todos os fenômenos sejam estudados como processos em movimento e em mudança. A ciência psicológica teria como objeto a reconstrução do curso do desenvolvimento do comportamento e da consciência. Para a psicologia, como ciência, o método fundamental seria o acompanhamento das mudanças qualitativas e quantitativas na evolução dos fenômenos. Por exemplo, as divergências entre os estudos científicos naturais dos processos mentais elementares e a reflexão especulativa sobre os aspectos culturais do comportamento poderiam ser superadas desde que as mudanças qualitativas do comportamento que ocorram ao longo do desenvolvimento fossem acompanhadas.

É importante notar, como faz Michel Cole na sua introdução ao livro "A Formação Social da Mente"<sup>1</sup>, primeira coletânea de textos de Vygotsky, traduzida no Brasil, que "a abordagem que Vygotsky faz do desenvolvimento não deve ser confundida com uma teoria do desenvolvimento da criança", pois o aspecto mais relevante de seu método decorre diretamente do contraste entre a abordagem naturalística e a dialética que, admitindo a influência da natureza sobre o homem, afirma que este, por sua vez, age sobre a natureza e sobre a sociedade, criando, através das mudanças nela provocadas por ele, novas condições para sua existência.

Enquanto na concepção comportamentalista a relação entre comportamento e natureza é unidirecionalmente reativa, na concepção dialética o comportamento tem uma relação transformadora sobre a natureza. Nesse sentido, o método deve ser ao mesmo tempo pré-requisito e produto, o instrumento e o resultado do estudo. A procura do método capaz de apreender processos e não objetos, capaz de chegar à explicação e evolução dos fenômenos e não somente à sua descrição torna-se o problema mais importante na busca de compreensão das formas caracteristicamente humanas de atividade psicológica.

Vygotsky não só enfatizou as origens sociais das funções psíquicas superiores, mas sugeriu os mecanismos pelos quais a cultura se

torna parte da natureza humana. Sua principal tese é que "para explicar as formas mais complexas da vida consciente é imprescindível sair dos limites do organismo, buscar as origens desta vida e do comportamento categorial e não nas profundezas do cérebro, ou da alma, mas sim nas condições externas de vida e, em primeiro lugar, da vida social, nas formas histórico-sociais da existência do homem"<sup>2</sup>.

Segundo essa óptica o homem se manifesta do animal pelo fato de que, com sua passagem à existência histórico-social, ao trabalho e às formas de vida social a ele vinculadas, todas as categorias fundamentais do comportamento mudaram radicalmente. Assim, a conduta não é mais determinada diretamente por objetivos instintivos. O trabalho social e a divisão do trabalho determinaram a aparição de motivos sociais de comportamento.

De forma inerente ao desenvolvimento social, outro fato, além do trabalho, determina a passagem da conduta animal à atividade consciente do homem: a aparição da linguagem. Ninguém nega que o problema das relações entre a cognição humana e a linguagem, ou seja, que o papel destas relações na construção dos seres humanos é um dos problemas centrais da psicologia. É, difícil, entretanto definir os limites de sua influência.

Vygotsky consegue grandes avanços na compreensão desta questão, especialmente no que diz respeito ao seu papel como central na formação das funções psíquicas superiores. Para ele, a psiquê humana é especial. Apoiando-se nas idéias de Engels sobre o trabalho humano, faz uma analogia entre o uso de instrumentos como o meio pelo qual o homem transforma a natureza e ao fazê-lo transforma-se a si mesmo, e o uso dos signos como sendo também uma ferramenta psíquica. O homem, diferentemente dos animais na sua interação com o ambiente, emprega instrumentos. Da mesma forma, o uso de signos, entre os quais a linguagem, é um sistema mediante o qual pode organizar sua atividade.

Vygotsky critica a psicologia tradicional que de modo geral sempre tratou os signos como um atributo do intelecto puro, e não como um produto da história da criança. Inclusive freqüentemente atribuindo o uso de signos à descoberta espontânea da criança ou considerando o uso da fala como um sub-produto de sua atividade mental.

Contrapôs-se aos comportamentalistas, que, de certo modo, igualam pensamento e linguagem e criticou também as idéias cogniti-

1 - VYGOTSKY, L. S. *A Formação Social da Mente*. São Paulo, Martin Fontes, 1984.

2 - LURIA, A. R. *Curso de Psicologia Geral*. Rio de Janeiro, Civilização brasileira, 1979. v. 1, p. 6.

vistas defendidas principalmente por Piaget, Inhelder e seus colaboradores. Do ponto de vista da abordagem comportamentalista, representada principalmente por Skinner, a aprendizagem da língua se dá de maneira mecânica, reduzindo-se a uma questão de formação de hábitos ou de condicionamento por pura imitação de um modelo. Há inclusive, nessa abordagem, identificação entre pensamento e fala.

Já na visão de Piaget, linguagem e pensamento são processos diferentes, que têm origens diferentes, de forma que a linguagem não contribui decisivamente para a construção da inteligência, a não ser no período das operações formais. Para ele o avanço das estruturas mentais é acompanhado pelo desenvolvimento lingüístico, ou encontra reflexo na linguagem da criança. O intelecto desta se desenvolveria por meio de sua interação com as coisas e com as pessoas do seu meio ambiente. Na medida em que a linguagem está envolvida, essas interações podem ampliar ou facilitar o desenvolvimento, mas a linguagem não produz, por si mesma, crescimento cognitivo.

Piaget sublinha que as raízes das operações são anteriores à linguagem e que a formação do pensamento está ligada à aquisição da função semiótica em geral, e não à aquisição da linguagem como tal. Seus escritos mostram-nos que as operações intelectuais se originam nos esquemas sensório-motores e nas coordenações da ação<sup>3</sup>.

Propõe-se, assim, que a inteligência prática e a fala têm origens diferentes e que sua participação conjunta em operações comuns carece de importância psicológica básica. Mesmo quando atividade física e fala estão intimamente ligadas em determinada operação, são estudadas como processos separados. Na melhor das hipóteses, sua ocorrência simultânea é considerada como uma consequência de fatores externos fortuitos.

Já Vygotsky chama a atenção dos estudiosos da fala e do desenvolvimento mental para as consequências fundamentais do embricamento dessas duas funções para o desenvolvimento do pensamento. Mostra que tratar o comportamento adaptativo das crianças e o uso de signos como fenômenos paralelos foi o que levou Piaget ao conceito de fala egocêntrica, conceito que pressupõe não haver um papel para a fa-

la na organização da atividade infantil. Assim também, o psicólogo suíço não enfatizou suas funções de comunicação, embora não negasse sua importância prática.

Os sistemas de signos, uma visão materialista dialética (a linguagem, o desenho, os números, assim como os instrumentos) foram criados pela sociedade ao longo do curso da sua história e conferiram às formações sociais outro nível de desenvolvimento cultural. Vygotsky propõe que a internalização dessa produção pelo indivíduo provoca transformações comportamentais e estabelece um elo de ligação entre as formas iniciais e tardias do desenvolvimento intelectual. Assim, os mecanismos de mudança individual têm suas raízes na sociedade e na cultura.

Desta forma, também no âmbito individual, o domínio do sistema de signos reestrutura a totalidade do processo psíquico, tornando a criança capaz de dominar suas atividades. Ela torna-se capaz de reconstruir o processo de escolha em bases totalmente novas, já que seus movimentos deslocam-se da percepção direta, submetendo-se ao controle das funções simbólicas incluídas nas operações que realiza.

Esse desenvolvimento representa uma ruptura fundamental com a história natural do comportamento e inicia a transição do comportamento primitivo dos animais para as atividades intelectuais superiores. É conceber assim as atividades psíquicas superiores significa a morte do homem abstrato, natural e isolado preconstituído pela psicologia tradicional.

Embora no plano individual a inteligência prática e o uso de signos possam operar independentemente em crianças pequenas, a unidade dialética entre esses dois sistemas na evolução até a fase adulta constitui a verdadeira essência do comportamento humano complexo. A análise de Vygotsky atribui à atividade simbólica uma função organizadora específica que invade o processo de uso de instrumentos e produz formas fundamentalmente novas de comportamentos, contribuindo para uma nova organização estrutural da atividade prática.

Assim, a criança é capaz, pelo uso de signos, de libertar-se do campo perceptivo e com isto construir novos centros estruturais, inclusive pela estrutura do campo temporal.

A libertação do campo perceptivo se dá porque a criança passa a prescindir do campo perceptual, já que, com o auxílio da função indicativa das palavras, torna-se capaz de reorganizar o campo visoespacial, de criar, um campo temporal que lhe é tão percebível e real quanto o visual. Dessa forma torna-se capaz de dirigir a atenção de maneira dinâmica. Pode perceber mudanças na sua situação imediata do ponto

3 - É verdade que em seus últimos trabalhos Piaget já faz algumas interrogações a respeito da questão: "É na direção de um funcionamento comum e de uma fonte probabilística comum que se poderia conhecer a ação formadora da linguagem sobre as operações desde que se entenda que esta ação formadora supra os quadros da própria linguagem e prolongue no terreno da coordenação das ações sociais o processo equilibrador já em atividade no domínio da coordenação das ações em geral". PIAGET, J. et alii, *Problemas de Psicolingüística*. S. Paulo, Mestre Jou, 1963.

de vista de suas atividades passadas e pode agir no presente com perspectiva de futuro.

Experimentos que comparam a atividade de macacos antropóides e crianças mostram que, para resolver problemas com varas, os macacos precisam necessariamente ver as varas para prestar atenção nelas, enquanto que as crianças, ao contrário, precisam prestar atenção para ver as varas, dada a riqueza com que podem estruturar seu campo perceptual enriquecido pela palavra, pelas imagens e pela memória.

Mas, embora Vygotsky considere que essa invenção do homem, o signo, é um meio auxiliar da atividade psicológica (lembrar, comparar, datar, escolher, etc.) análoga à invenção do uso de instrumentos no trabalho, Vygotsky observa que existem diferenças entre a função dos instrumentos e a dos signos.

O instrumento serve de condutor da influência humana sobre o objeto da sua atividade. Constitui um meio pelo qual a atividade humana externa é dirigida para o controle da natureza. Já o signo não modifica o objeto da operação psicológica. Constitui um meio para a atividade interna e é dirigida para o controle do próprio indivíduo.

Por outro lado, assinala que há ligação entre os desenvolvimentos desses dois sistemas na ontogênese e filogênese. O controle da natureza e o controle do comportamento estão mutuamente ligados, assim como a alteração da natureza pelo homem altera a sua própria. A análise de Vygotsky atribui à atividade simbólica uma capacidade organizadora específica que invade o processo de uso de instrumentos em geral, e produz formas fundamentalmente novas de comportamento, contribuindo para uma nova organização estrutural da atividade prática.

Do ponto de vista da filogênese, o momento de maior significação no curso do desenvolvimento intelectual, que dá origem às formas puramente humanas de inteligência prática e abstrata, acontece quando a fala e a atividade prática, até então duas linhas independentes de desenvolvimento, se convergem.

Embora o uso de instrumentos pela criança durante o período pré-verbal seja comparável ao dos macacos antropóides, assim que a fala e o uso de signos são incorporados a qualquer ação, esta se transforma e se organiza ao longo de linhas inteiramente novas. Realiza-se, assim, o uso de instrumentos especificamente humanos, que vai além do uso possível de instrumentos, mais limitado, pelos animais superiores.

Assim, o que realmente distingue as ações de uma criança que fala das ações de um macaco antropóide na solução de problemas práticos é, da parte da criança:

1º) - Liberdade e independência em relação ao campo visual; uso de métodos instrumentais mediados (indiretos); uso de palavras para planejar a ação, etc.

2º) - Operações práticas menos impulsivas e mecânicas - planejamento através da fala.

A manipulação direta é substituída por um processo psicológico complexo, através do qual a motivação interior e as intenções, postergadas no tempo, estimulam o seu desenvolvimento e realização. Essa forma nova de estrutura não existe nos macacos nem em suas formas mais rudimentares.

Neste contexto, a fala facilita a manipulação efetiva dos objetos e também controla o comportamento da própria criança. Com a ajuda dela, as crianças, diferentemente dos macacos, adquirem capacidade de ser tanto sujeito como objeto de seu comportamento.

Antes de controlar o próprio comportamento com ajuda da fala a criança começa a controlar o ambiente. Isto produz novas relações com o ambiente, além de uma nova organização do próprio comportamento. A criação dessas formas caracteristicamente humanas de atividade produz, mais tarde, o intelecto, e constitui a base do trabalho produtivo, a forma especificamente humana do uso de instrumento.

Do ponto de vista da filogênese, observação de crianças numa situação semelhante à dos macacos, Wolfgang Köhler mostra que elas não só agem na tentativa de atingir seu objetivo como também falam. Como regra, essa fala surge quase espontaneamente e continua quase sem interrupção por todo o experimento. Aumenta de intensidade e torna-se mais persistente toda vez que a situação se complica e o objetivo fica mais difícil de ser atingido. Qualquer tentativa de bloqueá-la é inútil ou provoca a paralisação da criança.

Assim, dois fatos merecem destaque: (1) A fala da criança é tão importante quanto a ação para atingir um objetivo: as crianças não ficam simplesmente falando o que estão fazendo; sua fala e ação integram uma mesma função psicológica complexa, dirigida para a solução do problema em questão. (2) Quanto mais complexa a ação exigida pela situação e menos direta a solução, maior a importância que a fala adquire na operação como um todo. Às vezes a fala adquire uma importância tão vital que, se não for permitido seu uso, as crianças pequenas não são capazes de resolver a situação.

Estas idéias contrariam as de Piaget que, avaliando o papel da fala interior, analisou-a com base em sua teoria, segundo a qual, quando a criança nasce, é um ser autístico, um pequeno ermitão que vive em si mesmo, comunicando-se pouco com o mundo externo. Por isso, no

início, é característica na criança uma linguagem autística, egocêntrica, dirigida a si mesmo e não para a comunicação com seus pais ou com os adultos. Só com sua progressiva socialização, a linguagem se transformaria em meio de comunicação.

Vygotsky partiu de posições diametralmente opostas na interpretação da linguagem interior. Considera que a suposição do caráter autístico das primeiras etapas do desenvolvimento da criança é falsa já em base, uma vez que desde o nascimento a criança é um ser social que reage à mãe que se comunica com ela, dirige-se a ela com palavras e a ensina a cumprir suas indicações desde a mais tenra idade.

Assinalou também que a função reguladora e de planificação da linguagem se manifesta inicialmente quando a criança realiza uma ação sob a influência da ordem verbal da mãe ou do adulto.

De acordo com este enfoque a evolução da linguagem da criança não consiste, em absoluto, em que a linguagem primeiramente autística ou egocêntrica se transforme em social. O que ocorre é que, no começo, a linguagem é uma forma de pedir ajuda, é um dizer "de si mesmo". Mas, com a sua própria evolução a criança começa a ser capaz de analisar as situações por si mesma. Desta forma surge a ação intelectual, reguladora da conduta. O ato voluntário da criança no início tem um caráter intersíquico, na medida em que une a linguagem da mãe à ação da criança. Mas, essa função intersíquica, ou seja, a função compartilhada entre duas pessoas, começa progressivamente a se transformar em um processo intrapsíquico. Pouco a pouco a ação dividida (mãe e criança) muda de estrutura, se interioriza e se transforma em intra-psíquica; e é a partir daí que a linguagem da própria criança começa a regular sua conduta.

Assim como todas as outras funções psíquicas superiores, como já foi dito, a linguagem é uma relação de ordem social interiorizada; a linguagem interna tem pois origem na linguagem externa. A criança a assimila na comunicação com os que a rodeiam.

Assim, até cerca de quatro anos a criança fala na presença e na ausência de um interlocutor. Estas verbalizações que surgem durante sua atividade são chamadas de linguagem egocêntrica. Com o tempo estas manifestações verbais, que não só acompanham a atividade como a planificam e dirigem, vão se fragmentando e dando lugar a períodos cada vez mais longos de silêncio, terminando com seu desaparecimento por volta de sete anos.

Para Piaget, que agrupa as manifestações orais da criança em linguagem egocêntrica e socializada, a linguagem egocêntrica não teria características comunicativas; seria uma fala para si mesmo e não teria

relação com os que rodeiam a criança. Seria simplesmente um monólogo. Deste ponto de vista, a linguagem egocêntrica é uma "formação sobrando", supérflua, excedente no processo de desenvolvimento e, como tal, se atrofia e desaparece sem deixar marcas.

Já Vygotsky, de acordo com os princípios anteriores, sustenta que a linguagem egocêntrica é, por sua forma, linguagem externa, e por sua função, interna. Ao contrário de Piaget, considera que a linguagem egocêntrica desempenha uma função definida e importante na atividade da criança: é um instrumento de pensamento para a análise de situações e a busca de soluções.

Comprovou experimentalmente que, por exemplo, há uma duplicação da linguagem egocêntrica quando a criança depara com alguma dificuldade para realizar uma tarefa a que se propõe. Também percebeu que as mesmas crianças, num grupo de crianças surdas ou falantes de outra língua, falavam muito menos ou deixavam de falar, o que faz cair por terra a idéia de monólogo.

Vygotsky estudou ainda as etapas de desaparecimento da linguagem egocêntrica do ponto de vista de sua estrutura semântica, mostrando como se dá sua transformação em linguagem interna. Em contraposição às idéias de Piaget, para ele a linguagem egocêntrica não desaparece, mas sim, seu desenvolvimento implica numa interiorização: "a linguagem egocêntrica," diz Vygotsky, "se desenvolve ao longo de uma curva que se eleva, está sujeita a uma evolução e não uma a involução"<sup>4</sup>.

Desta forma, a história do processo de internalização da fala social é também a história da socialização do intelecto prático das crianças. A relação entre fala e ação é dinâmica no decorrer do desenvolvimento das crianças. A relação estrutural pode mudar mesmo durante um experimento. A mudança crucial ocorre quando há a passagem de um primeiro estágio, em que a fala acompanha as ações da criança e reflete as vicissitudes do processo de solução do problema de uma forma dispersa e caótica, para um estágio posterior, em que a fala se destaca cada vez mais em direção ao início desse processo, de modo, a, com o tempo, preceder a ação. Por exemplo, a criança pequena desenha primeiro para depois nomear o que desenhou.

Assim como um molde dá forma a uma substância, as palavras podem moldar uma atividade numa determinada estrutura. Entretanto essa estrutura pode, por sua vez, ser mudada e reformada quando as crianças aprendem a usar a fala de modo que lhes permita ir além das

4. VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e Linguagem*, Lisboa, Ed. Antídoto, 1979, p. 146

experiências prévias ao planejar uma ação futura. Em contraste com a noção de mudança súbita, a atividade intelectual verbal se desenvolve por estágios em que as funções emocionais e comunicativas da fala são ampliadas pela função planejadora.

O que ocorre com a fala nas crianças é fato análogo ao sincretismo na percepção. Quando as crianças se confrontam com um problema um pouco mais complicado para elas, apresentam uma variedade de respostas que incluem tentativas diretas de atingir o objetivo, o uso de instrumentos, a fala dirigida à pessoa que conduz o experimento, fala simplesmente acompanhando a ação, ou fazendo apelos diretos ao objeto de sua atenção. A fala permite, pois, a reorganização da percepção e desenvolve novas relações entre funções psíquicas.

É interessante observar que, da mesma forma que o uso de instrumentos refuta a noção de que o desenvolvimento representa o mero desdobrar de um sistema de atividades organicamente predeterminado, o uso de signos demonstra que não pode existir, para cada função psíquica, um único sistema interno de atividade organicamente predeterminado. O uso de meios artificiais de transição para a atividade mediada muda fundamentalmente todas as operações psíquicas, assim como uso de instrumentos simbólicos amplia de forma ilimitada a gama de atividades que as novas funções psicológicas podem operar. Nesse contexto, podemos usar o termo função psíquica superior ou comportamento superior para demonstrar a combinação entre o instrumento e o signo na atividade psicológica.

Assim, a aquisição do uso de signos entre os quais os da linguagem pelo indivíduo é possível porque o homem vive em sociedade. A linguagem é produto da atividade social. Isto inclusive já ficou demonstrado em muitos casos de crianças que, por diferentes motivos, ficaram isoladas da sociedade ou incluídas no mundo dos animais. Em ambos os casos não chegam a desenvolver a linguagem nem as qualidades psíquicas de homens. Se para o animal o fundamental é a experiência própria, para o homem é a experiência social acumulada.

Interessante pesquisa foi desenvolvida por Carrol e Casagrande através do Southwest Project in Comparative Psycholinguistics, 1958, sobre a discriminação de formas entre crianças navajo. É obrigatório na língua navajo, quando se usam verbos relacionados a manejar, empregar uma forma particular de uma série de formas verbais, de acordo com o formato ou qualquer outro atributo essencial do objeto de que se está falando. Por exemplo, para pedir a alguém um objeto longo e flexível tenho que dizer SÁNLEH; se o objeto é longo e rígido, SÁNJH, e assim por diante. Ora, verificou-se que as crianças que falam navajo

aprendem a discriminar cor, formato, forma e número com menor idade que as crianças navajo que falam inglês, o que firma a hipótese de que esse traço da língua nativa afeta sua potencialidade para tal.

Vygotsky mostrou ainda que o papel da linguagem na reflexão sobre a informação que chega do mundo externo, na sua elaboração e conservação como instrumento de conhecimento presente em toda a vida psíquica do homem está assentada sobre sua função nominativa e comunicativa.

A necessidade de comunicar-se é que motiva a assimilação do idioma pelo homem. Pelo processo comunicativo é possível entrar em contato com o que nos rodeia, relacionarmos-nos com o mundo circundante, assimilar novos conhecimentos, formar o pensamento, o que nos leva a dizer que a primeira função da linguagem é social.

Por meio da palavra podemos denominar os objetos e fenômenos que deparamos, função aparentemente simples, mas de grande importância, já que é precisamente pela substituição do objeto pela palavra que o sujeito pode se abstrair da realidade circundante e se inserir num mundo superior ao das sensações e percepções. A palavra não só denomina os objetos, mas os categoriza e os inclui em classes de objetos (pensamento categorial). Outro soviético Alexandre Luria<sup>5</sup>, discípulo de Vygotsky e também estudioso da linguagem, afirma que a denominação do objeto não é, como se pode supor, um ato simples, mas pode ser considerada uma das formas mais complexas da atividade psíquica.

Do ponto de vista da função cognitiva da linguagem, ou seja, do papel da linguagem na formação dos processos psíquicos, a contribuição de Vygotsky é bastante específica. Como ficou explícito, para ele o desenvolvimento psíquico se dá em estreita relação com a atividade social do indivíduo, para a qual a influência da linguagem é decisiva.

A criança, com a ajuda da linguagem, não só obtém informações, como pode realizar sua atividade cognitiva de forma nova. Luria realizou experimentos que confirmam estas idéias de Vygotsky. Fez um estudo de caso a partir de gêmeos que não desenvolviam uma formulação verbal, estando esta aparentemente freitada pela linguagem especial desenvolvida entre ambos. Verificou ainda que seu desempenho no desenvolvimento geral estava também atrasado. Quando essas crian-

5. Alexandre R. Luria, considerado um clássico da ciência russa, desenvolveu trabalhos - cerca de 30 livros - em que procurou integrar seus conhecimentos sobre as funções corticais superiores, a psicologia do desenvolvimento e as concepções lingüísticas.

ças foram separadas e levadas para um meio estimulador de sua comunicação verbal, de imediato percebeu-se não só o desenvolvimento da fala, mas de toda a atividade psíquica.

A palavra atua, influi sobre toda a atividade sensorial e perceptual e, como consequência, sobre a consciência do homem, levando-o ao conhecimento racional. Pode-se dizer que com a linguagem toda a atividade psíquica do homem se organiza ganhando em complexidade e perfeição. A palavra é um meio poderoso que torna possível refletir sobre a realidade, desenvolver novas formas de atenção, memória, imaginação e ação. Por meio das palavras os objetos e fenômenos são fixados na memória, e, como afirma Lúria, "se convertem em instrumento de abstração e generalização, que são as operações mais importantes da consciência"<sup>6</sup>.

De forma geral, pode-se dizer que toda a atividade psíquica se vê submetida à influência da palavra, pois "o pensamento não se expressa simplesmente em palavras, mas existe através delas"<sup>7</sup>.

Como já se disse, as idéias de Vygotsky nos levam à compreensão de que é precisamente o processo comunicativo que permite ao homem escapar do campo limitado da vida sensorial, própria do mundo animal, e alcançar as formas mais altas de regulação fundadas na interiorização da linguagem. São idéias que se contrapõem aos critérios idealistas, segundo as quais as formas de atividades psíquicas superiores são dadas à criança no nascimento ou podem ser reduzidas à simples acumulação de hábitos.

Semelhantes pontos de vista levam a ver o ensino e a educação como a exercitação de um processo de formação dos processos psíquicos ou, no melhor dos casos, como um meio de aceleração da sua formação. Numa visão dialética, para que os processos psíquicos possam atingir sua estrutura funcional completa, há necessidade da interação com o meio circundante. Na análise realizada por Lúria, que tão bem se coaduna com os resultados das pesquisas de Vygotsky, no plano ontogênico as palavras passam por mudanças fundamentais, passam de uma função referencial-objetual à de significação (categorial). A princípio, simplesmente substituem, duplicam o objeto, mas logo também o analisam num sistema de enlaços e relações. O significado generalizado torna possível a comunicação e com ela a codificação do pensamento e a devida compreensão por parte do interlocutor.

Com estas variações há mudança não só na estrutura semântica das palavras, mas também no sistema de processos psíquicos subjacente: na função referencial-objetual, o papel principal é desempenhado pelas sensações transmitidas pelos objetos percebidos pelos órgãos dos sentidos da criança. Na etapa seguinte, esse papel primordial é desempenhado pela memória, que reproduz uma situação determinada que inclui o objeto dado.

A análise realizada por Vygotsky mostra inclusive que as funções mais elementares da vida psíquica – sensações, percepções e memórias – servem de apoio para a formação das superiores, desde que submetidas à influência da linguagem. Esta, por sua vez, para se pôr a serviço do pensamento, deve estar apoiada em imagens claras e definidas. Assim, do ponto de vista educacional, o trabalho de desenvolvimento da linguagem não se pode separar da educação sensorial. Todo um conjunto de estímulos estabelece a base para que a palavra alcance seu significado e seja fortemente fixada à realidade concreta e respaldada por ela.

Portanto, a palavra ouvida pela criança não deve ser um simples conjunto de sons, mas deve estar conectada a um objeto; não deve falsear a realidade, mas fixá-la e facilitar seu conhecimento. As investigações de Vygotsky mostram inclusive que a percepção adquire novas características sob a influência da linguagem. Surge a tendência de se separarem as características principais do objeto e dar-lhe nome, pois perceber conscientemente o objeto significa nomeá-lo mentalmente, o que significa de fato classificar o objeto percebido em um determinado grupo e generalizar mediante a palavra.

Fixar o sensorial, separar-se dele, abstrair e generalizar, para se aprofundar na essência da realidade circundante; isto significa o desenvolvimento dialético do pensamento, isto é, a passagem do concreto para o abstrato, que se realiza pela participação da linguagem.

Também a memória humana se manifesta apoiando-se na linguagem e raras vezes em outras formas indiretas. Sob vários tipos de memória (visual por imagem, memória emocional e lógico-verbal), aquela mais estreitamente relacionada com a linguagem e o pensamento é a memória lógico-verbal, que está dirigida à retenção, à reprodução sobretudo das idéias e que é necessária para o pensamento generalizador.

A atenção se encontra, igualmente, vinculada à linguagem. A interação existente entre ambos os processos psíquicos pode ser observada ao longo do desenvolvimento mental da criança. É um processo que se inicia quando a mãe, dando nome a um objeto, reorganiza com

6. LÚRIA, A. A. *Consciência y Lenguaje*. Madrid, Editorial Arriaga, 1980, p. 40.

7. VYGOTSKY, L. S. *Op. Cit.*, p. 139.

seu gesto indicador a atenção da criança, separando o objeto mencionado dos demais.

De forma geral, pode-se dizer que, à medida que a linguagem se desenvolve, faz possível também a realização das operações intelectuais como a comparação, a análise e a síntese. Isto porque essas habilidades se desenvolvem, sobretudo como consequência da aquisição das palavras, o que facilita a reflexão sobre as características gerais e específicas dos objetos designados.

A linguagem humana se encontra, pois, em estreita relação com todos os processos psíquicos, o que deriva da relação fundamental existente entre linguagem e pensamento. Este último, reflexo generalizado da realidade, só tem lugar através de sua unidade dialética com a linguagem.

Percebem-se por aí as divergências de Vygotsky com relação às teorias idealistas sobre pensamento e linguagem que, ou os consideram como equivalentes ou os separam, como se o pensamento pudesse ocorrer sem linguagem.

Do ponto de vista do materialismo dialético, o pensamento se encontra em estreita relação com a atividade cerebral e somente pode se efetivar-se tendo por base a linguagem e através desta, isto é, o pensamento não pode existir à margem da linguagem. Sua relação é indissolúvel, tanto em sua gênese como em sua existência. O pensamento abstrato é verbal e a língua é a condição necessária para sua aparição e existência. O conhecimento das características da linguagem interna e sua participação na generalização do enunciado nos permite compreender porque o pensamento não pode ser reduzido à linguagem, ou os dois processos considerados idênticos: a linguagem existe devido à sua relação com o pensamento, que por sua vez se realiza por meio dela. E a linguagem não é simples instrumento através do qual o pensamento tem lugar, mas participa da construção deste nos níveis mais profundos.

Tanto uma análise filogênica como ontogênica demonstram o embriocamento dessas funções. A linguagem, além de dar corpo ao pensamento humano, é também o fator que possibilita a existência da sociedade. É no caso do recém-nascido, este necessita da socialização para ajudá-lo a apropriar-se da realidade circundante. O que não ocorre a partir apenas de suas capacidades sensoriais, mas com ajuda da linguagem.

A compreensão da interação entre os diferentes processos psíquicos na criança implica que as deficiências verbais podem ter causa nas limitações de ordem sensorial. E, em sentido inverso, pode haver

um desenvolvimento limitado da percepção motivado por insuficiências verbais.

Compreender o valor funcional da palavra no desenvolvimento psíquico é compreender que o desenvolvimento de um e de outro é que regula o processo de formação do homem. A falta de desenvolvimento de um desses aspectos (do pensamento ou da linguagem) pode dar lugar ao comprometimento de todo o desenvolvimento da criança. Como afirma Lúria, "a linguagem não só permite penetrar mais profundamente nos fenômenos da realidade, nas relações entre as coisas, as ações e as qualidades; não só possui um sistema de construções sintáticas que permite formular a idéia, expressar um juízo. A linguagem dispõe de formações mais complexas que possibilitam o pensamento teórico e que permitem ao homem sair dos limites da experiência imediata e tirar conclusões, por um caminho abstrato, lógico-verbal"<sup>8</sup>.

*Il s'agit d'un défi que celui de définir la nature du rôle du langage. On discute les rapports entre pensée et langage: les fonctions du langage dans la communication et dans la formation de la conscience. Faite la lumière, on a une importante répercussion sur la compréhension des processus psychiques supérieurs ainsi que sur le rôle de l'éducateur dans le développement mental.*

*The central role that language plays in human life is well known, yet defining the nature of that role has proved to be a challenge. The aim of this article is to discuss the relationship between thought and language or in other words, the function of language in communication and the development of awareness. The understanding of this question has wide repercussions not only on the comprehension of the superior psychic processes but also on the role the educator in relation to mental development.*

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

01. BAKHTIN MICHAÏL - *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo, Hucitec, 1986.
02. BECKER, F. Uma socióloga lê Piaget; as confusões conceituais de Barbara Freitag. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, 12(1): 79-85, jan./jun. 1987.
03. BELGER, José. *Psicologia da conduta*. Buenos Aires, Paidós, 1968.

8. LÚRIA, A. R. Op. Cit. p. 223.

04. ESCOBAR, E. Figueiredo. *Psicología del lenguaje*. Ikwana, Editorial Pueblo e Educacion, 1982.
05. FERREIRO, E. *Psicogêneses e educação*. Departamento de Investigações Educativas. Mimeografado.
06. HUGUET, Michele. *Dialectique et psychologie*. In: *Actualité de la dialectique*. Publication du Centre Universitaire de Recherche Sociologique D'Amiens, Ed. Anthropos, 1980.
07. LURIA, A. *Curso de Psicologia Geral*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1979.
08. \_\_\_\_\_. *Consciência y lenguaje*. Madrid, Editorial Artigrafia, 1980.
09. \_\_\_\_\_. *Pensamento e linguagem; as últimas conferências de Luria*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1987.
10. PIAGET, J. *A Linguagem e o pensamento da criança*. São Paulo, Fundo de Cultura, 1976.
11. VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo, Martins Fontes, 1984.
12. \_\_\_\_\_. *Pensamento e linguagem*. Lisboa, Ed. Antídoto, 1970.
13. ZAZZO, René. *Psychologie et marxisme. La vie et l'oeuvre d'Henri Wallon*. Paris, Ed. Denöel/Gouthiers, 1975.

## PERFORMANCE AUDITIVA DOS ALUNOS: FATORES INTERVENIENTES

*Ângela Jungmann Gonçalves \**  
*Waldete Ferreira Leite de Souza Flávio \*\**

*Faz-se uma reflexão sobre a importância do ato de ouvir dentro do processo de comunicação e dos objetivos do ensino de língua materna. São indicados os fatores físicos e mentais que nele intervêm e a possibilidade e necessidade de se aumentar a acuidade auditiva através de treinamento sistemático.*

O ensino da língua materna como instrumento de comunicação – função precípua da linguagem – põe em relevo o papel do aluno como emissor (ele fala e escreve) e como receptor de mensagens (ele ouve e lê), no processo de comunicação. Sua competência lingüística possibilita-lhe codificar, como emissor, um número infinito de frases que ele nunca codificara antes; possibilita-lhe também decodificar, como receptor, um número igualmente infinito de frases que ele nunca ouvira antes. Aumentar a competência lingüística do aluno e aperfeiçoar-lhe a performance no falar, ouvir, ler e escrever devem ser, pois, o objetivo norteador do ensino de língua materna.

Além de instrumento de comunicação, a língua é também instrumento do pensamento, como se pode observar tanto nas funções monológicas, como nas funções dialógicas da linguagem<sup>(1)</sup>. Isto reforça a necessidade de se voltar o estudo da língua para o desenvolvimento das habilidades intelectuais do educando. O professor, ao ensinar a língua, aproveitará e criará oportunidades para orientar o aluno na busca e

\* Professoro Titular da Faculdade de Educação da UFG

\*\* Professora Adjunto 4 da Faculdade de Educação da UFG